

O AVANÇO DO APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EXTERNA NA REGIÃO SUL: CHUÍ E SANTANA DO LIVRAMENTO (PROJETO ALIB)

THE IMPLEMENTATION OF R-DELETION IN FINAL CODA POSITION IN SOUTHERN BRAZIL: CHUÍ AND SANTANA DO LIVRAMENTO (PROJETO ALIB)

Caio Korol | [Lattes](#) | caikorol@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Carolina Ribeiro Serra | [Lattes](#) | carolinaserra@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Nosso objetivo é capturar o avanço do processo de apagamento do rótico em coda silábica externa nas variedades faladas no Chuí e em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, com base em oito amostras de fala semiespontânea do *corpus* do Projeto ALiB (Comitê Nacional do ALiB, 2011). A pesquisa é desenvolvida a partir do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov, 1994, 2001, 2003, 2008 [1972]). Os dados coletados (847 em verbos e 318 em não verbos) foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que revelou altos índices de apagamento em verbos (94% no Chuí, com *input* de .94; e 97% em Santana do Livramento com *input* de .97) e baixos percentuais em não verbos (25% na primeira comunidade, com *input* de .25; e 12% na segunda, com *input* de .12). Quando da manutenção do rótico, o tepe alveolar o e r-retroflexo se mostraram as variantes mais produtivas. Na categoria dos verbos, no falar do Chuí, o contexto fonético antecedente e o contexto fonético subsequente foram apontados como favorecedores do cancelamento. Nos não verbos, apenas essa segunda variável se mostrou relevante. Quanto à Santana do Livramento, não houve seleção de nenhuma variável para os não verbos. No entanto, para os verbos, o contexto fonético antecedente e a faixa etária do informante foram apontados como condicionadores da aplicação da regra variável.

Palavras-chave: Apagamento; Rótico; Projeto ALiB; Sociolinguística Quantitativa Laboviana.

Abstract: This study focuses on variable R-deletion in final coda in the varieties spoken in Chuí and Santana do Livramento, in Rio Grande do Sul, based on eight samples of semi-spontaneous speech from the corpus of the ALiB Project (ALiB National Committee, 2011). The research is developed based on the theoretical-methodological contribution of Labovian Quantitative Sociolinguistics (Labov, 1994, 2001, 2003, 2008 [1972]). The collected data (847 in verbs and 318 in non-verbs) were submitted to the statistical analysis program GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), which revealed high rates of deletion in verbs (94% in Chuí, with an input of .94; and 97% in Santana do Livramento with an input of .97) and low percentages in non-verbs (25% in the first community, with an input of .25; and 12% in the second, with an input of .12). When the rhotic is produced, the alveolar tap and the r-retroflex were the most productive variants. In the category of verbs, in Chuí, the antecedent phonetic context and the subsequent phonetic context were identified as favoring the deletion. In non-verbs, only this second variable was relevant. As for Santana do Livramento, there was no selection of any variable for non-verbs. However, for verbs, the antecedent phonetic context and the informant's age were identified as conditioning factors.

Keywords: Deletion; Rhotic; ALiB Project; Labovian Quantitative Sociolinguistics.

1. INTRODUÇÃO

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é um projeto geolinguístico amplo que ambiciona mapear as diversas realidades linguísticas do Brasil. Sua produção satisfaz um antigo desejo dos dialetólogos brasileiros, que almejavam, há tempos, a elaboração de um atlas de alcance nacional. Se trata, portanto, de um projeto de caráter nacional, com sede na Universidade Federal da Bahia, que integra pesquisadores e universidades de todo o país e se encontra em pleno desenvolvimento, tendo sido publicados, por enquanto, seus volumes I e II (Cardoso *et al.*, 2014). Seu *corpus* foi elaborado a partir de questionários¹ aplicados durante a primeira década deste século a 1100 informantes distribuídos em 250 localidades (25 capitais brasileiras² + 225 pontos do interior) espalhadas pelo território brasileiro. Esses informantes foram selecionados segundo o seu grau de instrução (escolaridade fundamental e universitária), sua idade (entre 18 e 30 anos, e entre 50 e 65 anos),

¹ O *corpus* do ALiB é composto por questionários linguísticos direcionados à obtenção, através das respostas dos falantes, de aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos. Além da inserção de questões de prosódia no grupo fonético-fonológico, foram elaboradas ainda questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos para obtenção de fala espontânea, perguntas metalingüísticas e um texto para leitura. Entre os questionários, há nas gravações muitos momentos de conversa espontânea entre inquiridor e falante, o que constitui material precioso para nossas análises sociolinguísticas.

² Das 27 capitais, não são pontos de inquérito do ALiB Palmas e o Distrito Federal, por conta da sua data de fundação ser recente à época da recolha e, por isso, ainda não contarem com falantes com o perfil requerido pelo Projeto.

e seu sexo (homens e mulheres). Para as capitais, foram feitas gravações com 8 falantes, divididos igualmente por sexo, faixa etária e grau de instrução; nas cidades do interior, foram gravados 4 falantes, representativos dos dois sexos e faixas etárias, mas com o mesmo grau de instrução, o ensino fundamental. Os informantes (obrigatoriamente) e seus pais (idealmente) deveriam ser nascidos na localidade pesquisada.

Desenvolvida no âmbito do Projeto ALiB, esta análise busca dar um passo à frente na tarefa de descrição e análise de fenômenos linguísticos nos 225 municípios interioranos que compõem a rede de pontos do Atlas. Considerando-se que as 25 capitais brasileiras já foram amplamente estudadas, no que diz respeito às suas variedades linguísticas, este estudo pretende contribuir para a descrição dos falares do interior. Mais especificamente, a pesquisa tem como objetivo capturar o processo de apagamento do rótico (Exemplos a-d), bem como identificar suas variantes (Exemplos g-h), quando realizadas, em contexto de coda silábica externa, em duas comunidades fronteiriças do Rio Grande do Sul: Chuí e Santana do Livramento, ambas na divisa com o Uruguai. Ao proceder ao mapeamento da implementação do zero fonético, buscamos determinar, também, quais fatores linguísticos e sociais atuam na perda segmental. Além disso, pretendemos averiguar até que ponto o processo de cancelamento do rótico é sensível às fronteiras dos constituintes prosódicos (palavra prosódica (Pw), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP)) (Serra; Callou, 2013, 2015; Oliveira *et al.* 2018; Serra *et al.*, 2021; Callou, Serra & Farias, 2022; Farias, 2022).

- (a) “Nós falamos coador quando é pra coa[Ø] massa” (CHU – Inf. 3)
- (b) “A minha mãe é do la[Ø]” (CHU – Inf. 2)
- (c) “Tão até já me enchendo pra i[Ø] pro colégio” (SL – Inf. 2)
- (d) “Tavam com outras mulhe[Ø]” (SL – Inf. 1)
- (e) “Obrigado por te[f] me emprestado dinheiro” (CHU – Inf. 1)
- (f) “A profissão que eu exerci, que não é, não era das melho[l]” (CHU – Inf. 3)
- (g) “Tudo que vai po[f]” (SL – Inf. 2)
- (h) “A outra é a pio[f]” (SL – Inf. 4)

Devido ao seu potencial de variação, o rótico tem merecido a atenção de muitos pesquisadores, seja para a determinação da sua representação na gramática (Monarettto, 1997, 2002; Abaurre; Sândalo, 2003; entre outros), seja para a descrição do seu uso variável, a partir de diversas correntes teóricas (Callou *et al.*, 1996, 1998, 2002; Melo; Gomes, 2018; Schwindt; Chaves, 2019; Gomes, 2021; entre outros). Focalizando a posição de

coda silábica, os estudos demonstram que o apagamento é muito mais frequente em final de palavra do que em posição medial, e revelam informações importantes 1) sobre o contexto facilitador da variação, 2) sobre a interação com a morfologia, já que na raiz (coda medial e coda final de não verbos) o cancelamento é mais restrito, 3) sobre a gradiente regional do fenômeno relacionada aos tipos de variantes preferidas nas localidades brasileiras, e 4) sobre a interação com a prosódia, já que o seu *locus* de aplicação privilegiado parece não ser a sílaba, mas a sua localização na cadeia fônica mais alta, por assim dizer.

Desde a década de 1970, muito se estuda a respeito do comportamento variável do rótico na fala espontânea e semiespontânea. As análises revelam que, em contexto de coda final, há um processo de mudança em curso, que tende a começar com o enfraquecimento/posteriorização do rótico e que, de forma gradativa, leva ao apagamento total do segmento (Callou, 1987). O zero fonético costuma se implementar primeiramente em falares que possuem as realizações [-ant] como as mais produtivas, como a fricativa glotal. As Cartas F04 C3 e C4, do ALiB, apresentam o quadro geral das variantes do R em final de palavra nas capitais, discriminando nomes³ (Figura 1) e verbos (Figura 2)⁴.

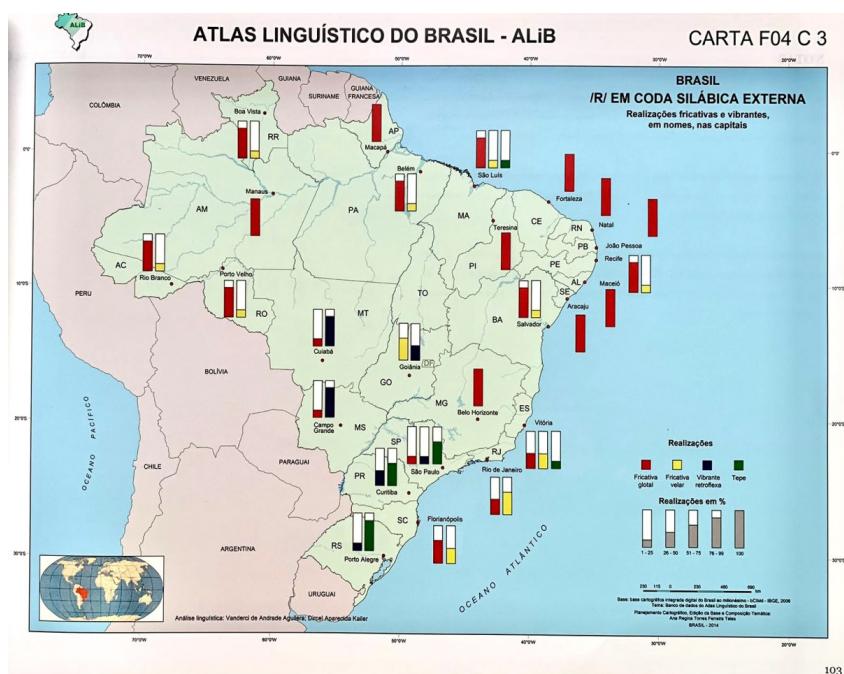
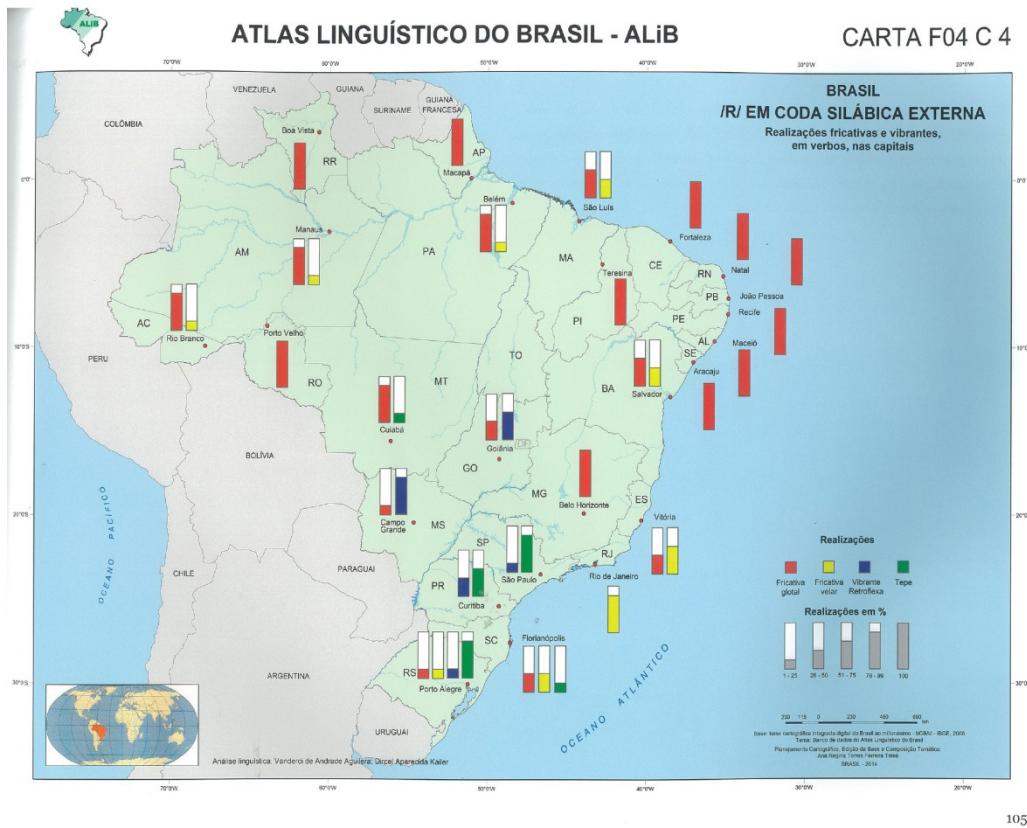


Figura 1: Distribuição das realizações do rótico em coda silábica externa em nomes nas capitais brasileiras (Cardoso *et al.*, 2014).

³ Para os resultados referidos na Introdução, na categoria “nomes”, estão incluídos substantivos e adjetivos somente. Quando nos referimos a “não verbos”, nas demais seções, o fator inclui todas as classes morfológicas terminadas em R à exceção dos verbos.

⁴ Nas Figuras 1 e 2, as variantes do rótico estão representadas por cores: fricativa glotal (vermelho), fricativa velar (amarelo), aproximante retroflexa (azul escuro) e tepe (verde escuro).



105

Figura 2: Distribuição das realizações do rótico em coda silábica externa em verbos nas capitais brasileiras (Cardoso *et al.*, 2014).

É possível observar que, nas capitais da regiões Norte, Nordeste, e parcialmente nas do Centro-Oeste e Sudeste, e ainda em Florianópolis, na Região Sul, predominam as realizações fricativas (posteriores), sinalizadas em vermelho e amarelo. No restante do país (em parte das capitais do Centro-Oeste, em grande parte da Região Sul e em São Paulo, no Sudeste) são mais produtivas as variantes vibrantes (anteriores), destacadas em azul e verde.

As Cartas F04 C1 e F04 C2, a seguir, exibem os índices de apagamento do rótico, também separando nomes (Figura 3) e verbos (Figura 4). Relativamente à perda segmental, é ainda mais importante que, no momento da análise dos dados, se distinguam as duas categorias morfológicas.

Vê-se, na Figura 3, que em nomes, o cancelamento varia bastante a depender da região. Em todas as capitais do Nordeste, os percentuais de zero fonético (em amarelo) ultrapassam os índices de realização (em vermelho). Quanto à Região Norte, a manutenção é mais frequente em Boa Vista (RR), Macapá (AP), Belém (PA) e Porto Velho (RO)

ao passo que, em Rio Branco (AC), a situação é inversa. Já em Manaus (AM), os índices de manutenção e apagamento são similares. Quanto ao Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a presença do rótico é sempre superior ao apagamento. Entretanto, na categoria dos verbos, a Figura 4 mostra que o processo de apagamento apresenta índices superiores ao de manutenção em todo o país, com exceção de Belo Horizonte (MG).

Muitas análises, de escopo sociolinguístico e não só, explicam que a alta frequência de cancelamento dos róticos em final de verbos se deve ao fato de o segmento constituir uma marca morfológica redundante do infinitivo (*fazeR*, *comeR*) e do futuro do subjuntivo (*se eu fizeR*, *se ele quiseR*), já que a sílaba que contém o *R* também recebe o acento de palavra. Isso não acontece em palavras de outras classes morfológicas, nas quais o rótico quase sempre se encontra em sílaba acentuada, mas faz parte da raiz da palavra (*caloR*, *mulheR*, *maioR*, *devagaR*, *poR favoR*). Assim se explicaria a avanço mais contundente do cancelamento nos verbos, justificando ainda o tratamento separado das classes morfológicas nas rodas estatísticas.

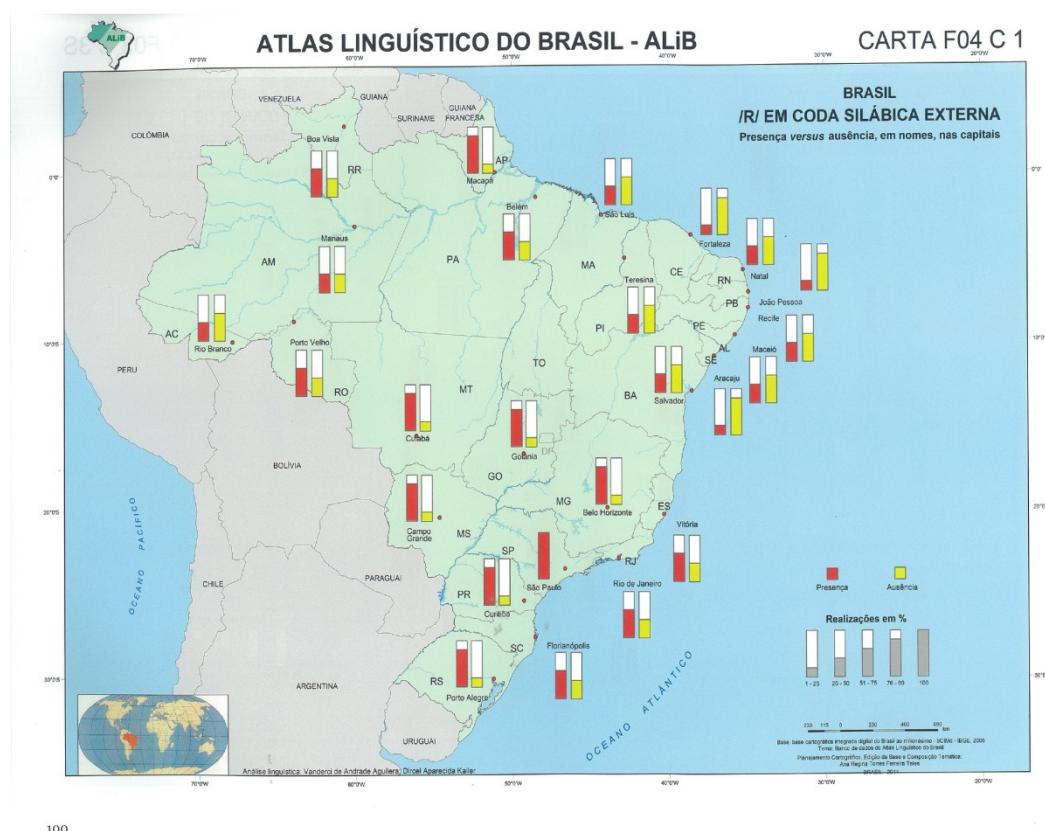


Figura 3: Distribuição do apagamento do rótico em nomes nas capitais brasileiras (Cardoso et al., 2014).

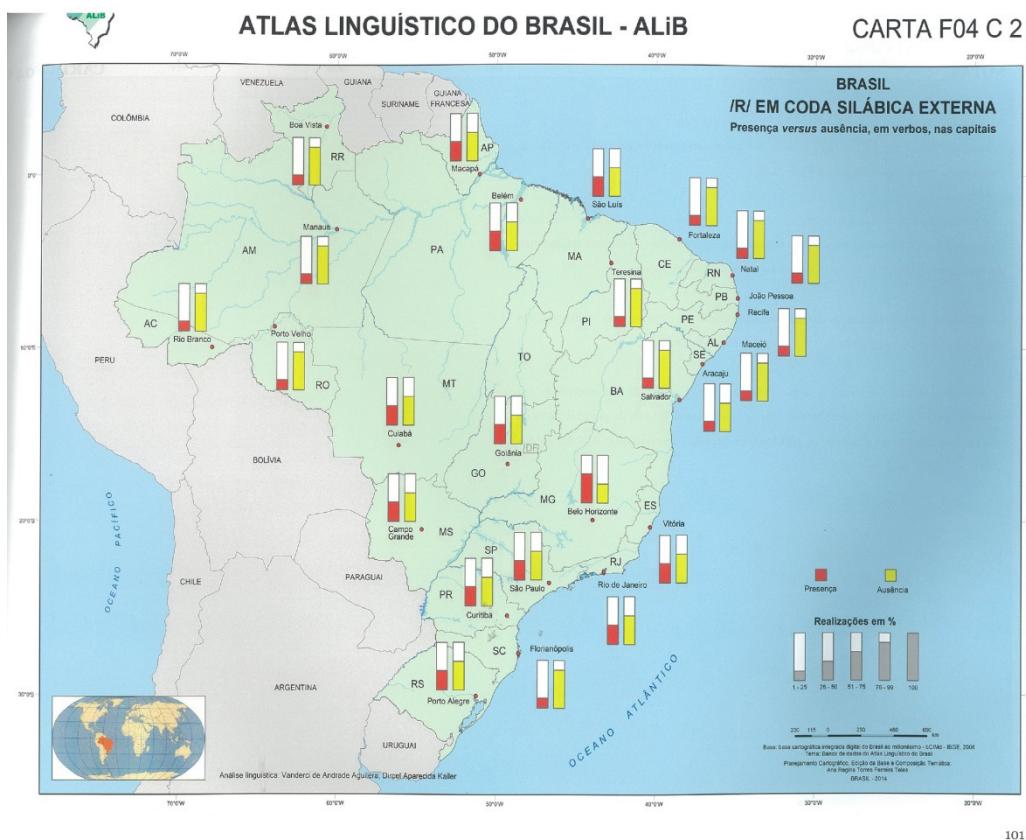


Figura 4: Distribuição do apagamento do rótico em verbos nas capitais brasileiras (Cardoso *et al.*, 2014).

Além desta Introdução, o presente artigo é composto por mais quatro seções. Na seção 2 a seguir, apresentamos análises acerca do fenômeno de cancelamento na região Sul, dando destaque aos trabalhos de Monaretto (1992, 1997), Koch, Klassmann & Altenhofen (2002), Santana (2017), Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021). Na seção 3, explicitamos as variáveis consideradas na análise estatística no programa GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), bem como o apporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov, 1994, 2001, 2003, 2008 [1972]). Apresentamos, também, algumas características socioeconômicas das comunidades estudadas. Na seção 4, são expostos, interpretados e discutidos os resultados obtidos e, por último, fazemos uma síntese a respeito do percurso de mudança linguística do rótico em contexto de coda externa.

2. ALGUNS ESTUDOS ANTERIORES SOBRE O APAGAMENTO E A REALIZAÇÃO DO RÓTICO NO SUL DO BRASIL⁵

No âmbito dos estudos acerca do *R* nos falares do Sul do Brasil, os trabalhos de Monarettto (1992, 1997) trazem importantes contribuições. Em Monarettto (1992), desenvolve-se uma investigação acerca da vibrante como posterior ou anterior, também atentando para seu *status fonológico*, a partir de um *corpus* composto por quatro cidades do Rio Grande do Sul, sociolinguisticamente distintas, a saber: 1) Porto Alegre - representando a região metropolitana; 2) Taquara - de colonização alemã; 3) Santana do Livramento - município que faz fronteira com o Uruguai e 4) Monte Bérico - de colonização italiana. A amostra utilizada pela autora faz parte dos dados coletados por Bisol (1981, *apud* Monarettto 1992) e os resultados indicam que a realização do rótico como posterior ou anterior é influenciada pela própria posição na sílaba, contexto precedente, grupo étnico e sexo, nessa ordem.

Começando pela primeira variável selecionada, a posição do segmento na sílaba, os percentuais gerais mostram que, na posição pós-vocálica (*veRmelho, fazeR*), 34.4% das ocorrências tiveram a vibrante branda com articulação anterior como realização; 64.6% foram de vibrante forte anterior e apenas 0.95%, de vibrante forte posterior. Dando um *zoom* nas ocorrências de vibrante branda anterior em posição de coda, observou-se que essa realização, nesse contexto, é pouco expressiva em Porto Alegre e mais produtiva nas regiões de colonização bilíngue. Em posição pré-vocálica e intervocálica (*Rouco, carro*), 23% das ocorrências foram de vibrante branda em contraste com 37.8% e 39.1% de vibrante forte anterior e forte posterior, respectivamente. Observando mais atentamente, vemos que, também em ataque, a vibrante branda é bem menos expressiva na metrópole e mais presente nas demais regiões. Quanto ao contexto precedente, isto é, a qualidade da vogal do núcleo da sílaba, os resultados indicam que vogais de traço [+ ant] favorecem a realização anterior, independentemente de a vibrante ser forte ou branda. Por outro lado, e em menor grau, a realização posterior seria favorecida por vogais de traço [+ post] (Monarettto, 1992, p. 72).

Continua a autora esclarecendo que, em referência ao grupo étnico, os índices mostram que os metropolitanos fazem menos uso da vibrante anterior – sem especificar, no entanto, a que contexto silábico se refere –, o que pode sugerir que essa variante não tenha muito prestígio em Porto Alegre. Monarettto acrescenta que, em ataque, a articulação anterior é mais presente no falar das regiões bilíngues em função das línguas ou dialetos de

⁵ Para uma revisão ainda mais ampla, sugerimos também a leitura de Kailer e Almeida (2015, 2016, 2019, 2020) e Aguilera e Kailer (2015)

origem: “O dialeto italiano não possui vibrante forte posterior, dificultando a pronúncia de um *r* forte. O dialeto alemão apresenta a vibrante forte anterior ou posterior no lugar da simples da Língua Portuguesa, o que ocasiona a troca de fonemas” (Monaretto, 1992, p. 73). Quanto à coda, conclui-se que a variante mais expressiva é a vibrante anterior. A quarta e última variável selecionada pelo programa estatístico foi o sexo do falante. Em Porto Alegre, as mulheres lideram o uso da vibrante anterior forte ao passo que, na fronteira – ou seja, em Santana do Livramento –, é o sexo masculino que prefere essa forma de produção: “Em suma, quanto à preservação da vibrante anterior forte como traço característico do sul, o papel do sexo parece expressivo: o homem na fronteira e a mulher na capital” (Monaretto, 1992, p. 74-75). Nas demais regiões, com exceção da alemã, são as mulheres que mais fazem uso dessa variante.

Em Monaretto (1997), é apresentada uma nova versão do estudo sobre o comportamento fonético-fonológico da vibrante nos falares sulista. O *corpus* utilizado é o do projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), cujos dados foram coletados entre os anos 1980 e 1990, com informantes das três capitais: Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). A descrição da pronúncia do *R* se deu a partir das seguintes variantes: 1) vibrante anterior, 2) vibrante posterior, 3) tepe e 4) retroflexo. A autora parte das hipóteses de que a posição do rótico na sílaba e a etnia do falante são as variáveis mais significativas para o tipo de produção desse segmento. Além disso, Monaretto (1997) defende que, em posição de coda, o tepe é a variante preferida.

A partir de rodadas estatísticas realizadas no programa VARBRUL, a autora verificou que, das 3994 ocorrências, 40% foi de tepe, 39% de vibrante posterior, 16% de vibrante anterior e 5% de retroflexa. Analisando as comunidades separadamente, os resultados indicam que o tepe é a variante preferida em Curitiba e Porto Alegre ao passo que, em Florianópolis, prefere-se a vibrante posterior. Ao observar os índices de cada variante de acordo com a posição do rótico na sílaba, Monaretto (1997) constata que, de fato, o tepe é privilegiado em coda, enquanto, em ataque, a vibrante posterior é mais produtiva. Fazendo uma tabulação cruzada entre o grupo geográfico e a posição que o rótico ocupa na sílaba, observa-se que, em Porto Alegre, há predominância do tepe, sobretudo em contexto de coda (52%); em Florianópolis, nesse mesmo contexto, ocorre com mais frequência a vibrante posterior (61%); já em Curitiba, é mais frequente a retroflexa (79%) em contexto de coda.

O Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS – Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002) também é uma importante fonte de informação no que

diz respeito às realizações do *R*. O *corpus* do ALERS conta com 99 pontos de inquérito no Paraná; 79 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul. Vamos nos ater aos resultados observados no contexto de coda final. Os questionários fonéticos-fonológicos permitem observar as realizações do segmento em coda nas palavras *revólver***R** e *calor***R**. No que diz respeito ao primeiro vocábulo, diversas variantes são identificadas na Região Sul, porém quatro se mostram mais expressivas: 1) *revol*[vɪ]; 2) *revol*[ver]; 3) *revol*[ve/və]; e 4) *revol*[v]. Quanto à segunda palavra, as produções que se destacam quantitativamente são as seguintes: 1) *calo*[r]; 2) *calo*[t]; 3) *calo*[r]; e, por último, 4) *calo*[Ø].

Ao lado dos três trabalhos já mencionados, as pesquisas de Santana (2017), Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021) trazem muitos contributos para o entendimento do comportamento variável do rótico em coda final no Sul do Brasil. As análises fazem uso do *corpus* do Projeto ALiB, entretanto, enquanto Santana (2017) focaliza os falares de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra, Callou, Korol & Martins (2021) dão conta das variedades interioranas.

O estudo de Santana (2017), que focaliza a fala de informantes com 3º grau completo e de informantes com ensino fundamental (completo ou incompleto), conta com um total de 5.282 dados em verbos e 1.247 em não verbos. O percentual geral de apagamento na primeira categoria, referente às três capitais, foi de 89% (*input* .92) enquanto nos não verbos, o índice foi de 19% (*input* .11).

Analizando os resultados separadamente por cidade, temos, em Curitiba, para verbos e não verbos, respectivamente, um índice de 87% (*input* .91) e 5% (*input* .05). Relativamente às variáveis apontadas como favorecedoras do fenômeno do cancelamento nessa capital, houve apenas seleção para os verbos, com 1) as vogais antecedentes [a] (P.R. .56) e [ɛ] (P.R. .57); 2) vocábulos polissílabos (P.R. .58); 3) o contexto subsequente de consoante (P.R. .58); 4) os informantes mais novos (P.R. .64); e 5) menos escolarizados (P.R. .61), nessa ordem de seleção, como propulsores do cancelamento. Quando o segmento é mantido, a variante mais produtiva é o tepe, tanto nos verbos quanto nos não verbos.

Quanto à Florianópolis, o apagamento atingiu 94% (*input* .98) na categoria verbal e 41% (*input* .38) em não verbos. No caso da capital catarinense, os seguintes fatores, nessa ordem, foram apontados como relevantes na categoria verbal: 1) sexo, com as mulheres liderando (P.R. 67); 2) contexto fonético antecedente, sendo [a] (P.R. .54), [e] (P.R. .52) e [i] (P.R. .59) os segmentos que mais favorecem; 3) falantes menos escolarizados (P.R. .68); 4) informantes mais novos (P.R. .59); 5) contexto subsequente de consoante (P.R.

.59); 6) outras formas verbais (P.R. .85); 7) fronteira de sintagma fonológico (P.R. .59) e de sintagma entoacional (P.R. .52). No caso dos não verbos, 1) informantes menos escolarizados (P.R. .67); 2) vocábulos polissílabos (P.R. .59); 3) falantes mais velhos (P.R. .57); e 4) as vogais antecedentes [a] (P.R. .53) e [o] (P.R. .57) favorecem, nessa ordem, a aplicação do cancelamento. Ademais, quando ocorre a manutenção do rótico, o tepe é a produção favorita nos verbos e a fricativa velar, nos não verbos.

Assim como em Curitiba e Florianópolis, em Porto Alegre, os índices de cancelamento em verbos e em não verbos também divergiram consideravelmente: apenas 7% (*input*.03) nesta categoria e 86% (*input*.87), naquela. Para os verbos, sete variáveis foram selecionadas como influenciadoras: 1) contexto subsequente de consoante (P.R. .59); 2) contexto fonético antecedente, sendo [e] (P.R. .56) e [ɛ] (P.R. .78) as vogais favorecedoras; 3) vocábulos polissílabos (P.R. .54); 4) informante mais novos (P.R. .59); 5) falantes menos escolarizados (P.R. .56); 6) sexo masculino (P.R. .56); e 7) verbos no infinitivo (P.R. .51). Para os não verbos, quatro variáveis foram selecionadas: 1) contexto subsequente de consoante (P.R. .66); 2) informantes menos escolarizados (P.R. .68); 3) contexto fonético antecedente, sendo [a] (P.R. .55), [e] (P.R. .72), [ɛ] (P.R. .84), e [o] (P.R. .59), os segmentos favorecedores; e 4) sexo masculino (P.R. .63). Semelhantemente à Curitiba, também em Porto Alegro, o tepe foi a variante favorita nas duas categorias.

Os trabalhos de Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018) se debruçam sobre os falares de Campo Mourão (PR), Guarapuava (PR), Criciúma (SC), Lages (SC), Santa Maria (RS) e Caçapava do Sul (RS), em análises que contam com um total de 3.099 dados de rótico em coda final em verbos e 680 em formas não verbais, coletados dos questionários/entrevistas do ALiB de 4 falantes de cada município, todos com ensino fundamental (completo ou incompleto). Similarmente ao observado em Santana (2017), o percentual geral de apagamento, amalgamando os seis municípios interioranos, mostra um forte contraste entre a aplicação da regra variável em verbos (92%) e não verbos (11%).

Em Guarapuava (PR), o cancelamento atingiu 94% (*input*.94) em verbos e somente 11% (*input*.11) em não verbos. Para a categoria verbal, apenas o contexto fonético antecedente se mostrou relevante para aplicação da regra variável, sendo as vogais [a] (P.R. .62) e [i] (P.R. .52) as mais favorecedoras. No que diz respeito aos não verbos, quatro fatores foram selecionados, nesta ordem: 1) contexto fonético antecedente, com as vogais [e] (P.R. .92) e [ɛ] (P.R. .93) favorecendo; 2) informantes mais velhos (P.R. .86); 3) fronteira de palavra prosódica (P.R. .98); e 4) informantes do sexo masculino (P.R. .75). Nos verbos, o tepe é a variante mais produtiva, enquanto, em não verbos, predomina a aproximante retroflexa.

Para o outro município paranaense, Campo Mourão, 90% (*input .90*) dos verbos sofreram apagamento e apenas 3% (*input .03*) de não verbos ilustram o fenômeno. Os seguintes fatores foram apontados como condicionantes entre os verbos: 1) vocábulos polissílabos (P.R. .58); 2) informantes mais novos (P.R. .81); 3) sexo masculino (P.R. .65); e 4) contexto fonético antecedente, sendo o segmento [a] (P.R. .55) o mais relevante. Apesar do baixo índice de cancelamento em não verbos, o contexto fonético antecedente – a vogal [ɛ] se mostrou a mais favorecedora (P.R. .91) – e o gênero – com os homens atingindo P.R. de .97 – foram selecionadas pelo programa estatístico, nessa ordem. Em Campo Mourão, o r-retroflexo é a pronúncia preferida independentemente da classe morfológica do vocábulo.

No município catarinense de Criciúma os índices foram de 97% (*input .97*) em verbos e 22% (*input .22*) em não verbos. Quando o rótico é produzido, a preferência é pela aproximante retroflexa nos dois grupos. Para os verbos, três variáveis foram selecionadas, seguindo esta ordem: 1) contexto fonético antecedente, com os segmentos [a] (P.R..56) e [e] (P.R. .53) liderando; 2) informantes mais velhos (P.R. .65); e 3) contexto subsequente de consoante (P.R. .63). No caso dos não verbos, apenas os segmentos [a] (P.R. .68) e [e] (P.R. .79) se mostraram condicionantes do apagamento.

Quanto a Lages (SC), esse foi o município que apresentou menor percentual de apagamento em verbos: 87% (*input .87*). Já para os não verbos, registrou-se um índice de apenas 6% (*input .06*). Na primeira categoria, os informantes mais jovens lideram o processo (P.R. .78) e o contexto subsequente de consoante (P.R. .63) é o que mais favorece a perda segmental. Para os não verbos, poucos foram os dados de apagamento. Mesmo assim, o programa estatístico apontou que as ocorrências de perda segmental foram mais frequentes com as vogais [o] (P.R. .33) e [ɛ] (P.R. .99), além de serem as mulheres que lidaram o fenômeno (P.R. .90). A variante mais expressiva foi o tepe alveolar tanto em verbos quanto em não verbos.

Caçapava do Sul (RS) apresentou um percentual de apagamento de 95% (*input .89*) em verbos e de somente 8% (*input .08*) em não verbos. Para a categoria verbal, os segmentos [a] (P.R. .51), [i] (P.R. .56), [ɛ] (P.R. .64), e [e] (P.R. .68), foram apontados como condicionantes para o cancelamento. Para os não verbos, [a] (P.R. .69), [ɛ] (P.R. .92) e [e] (P.R. .85) foram apontadas como relevantes. Nas duas classes, o tepe alveolar foi a variante favorita.

Em Santa Maria (RS), os índices de apagamento em verbos atingiram 95% (*input .95*) enquanto, nos não verbos, foi baixo, sendo este de 16% (*input .16*). Para os verbos,

apenas o contexto fonético antecedente se mostrou relevante, sendo as vogais [i] (P.R. .51) e [e] (P.R. .51) as que mais favorecem a perda segmental. Essa mesma variável foi apontada como relevante para os não verbos, com [e] (P.R. .93) e [ɛ] (P.R. 62) condicionando o processo. A fronteira de sintagma fonológico (P.R. .63) também se mostrou favorecedora ao apagamento na classe dos não verbos. No que diz respeito às variantes encontradas, na classe verbal, o tepe predominou, mas, nos não verbos, houve um equilíbrio entre essa variante e a aproximante retroflexa.

O estudo de Serra *et al.* (2021) se propõe a investigar a queda do rótico nas variedades de Barracão (PR), São Miguel do Iguaçu (PR), Itajaí (SC) e Blumenau (SC), a partir de um total de 1.708 dados (1.293 em verbos e 415 em não verbos). Os pesquisadores fizeram uso de quatro entrevistas de cada município, cujos informantes tinham ensino fundamental (completo ou incompleto) e eram monolíngues do português.

Em Barracão (PR), os índices de aplicação da regra de cancelamento alcançaram 90% (*input* .90) ao passo que, em não verbos, o percentual foi baixo, de somente 8% (*input* .08), não havendo seleção de variáveis para essa categoria. Nos verbos, por outro lado, o apagamento parece ser mais expressivo em vocábulos polissílabos (P.R. .59), além de ser liderado pelos informantes mais jovens (P.R. .74) do sexo masculino (P.R. 63). No falar barraconense, o tepe alveolar e o r-retroflexo se mostraram produtivos, predominando a primeira variante tanto em verbos quanto em não verbos.

No município de São Miguel do Iguaçu (PR), os percentuais de zero fonético também foram altos em verbos (95%; *input* .95) e relativamente baixos em não verbos (15%; *input* .15). Relativamente à primeira categoria, em uma primeira rodada, mostraram-se favorecedores ao apagamento o contexto fonético antecedente – com [e] (P.R. .79) condicionando o processo –, e a forma verbal, com verbos na forma não infinitiva (P.R. .98) sendo mais sensíveis à perda segmental. Contudo, os autores destacam que, em uma segunda rodada estatística, em que não levam em consideração o contexto fonético antecedente, o sexo do informante foi apontado como relevante para o apagamento, com as mulheres (P.R. .73) propiciando a aplicação do fenômeno. Quanto aos não verbos, verificou-se que as vogais [ɛ] (P.R. .87), [e] (P.R. .75), e [a] (P.R. .70), quando em núcleo silábico, favorecem a queda do segmento, ao passo que as vogais [ɔ] (P.R. .32) e [o] (P.R. .28) inibem a elisão. Nessa comunidade, o tepe alveolar e o r-retroflexo também se mostraram variantes produtivas quando da manutenção do rótico. Entretanto, inversamente ao observado em Barracão, a segunda variante predominou tanto em verbos quanto em não verbos.

Partindo para a comunidade de Blumenau (SC), verificamos elevados índices de apagamento: 98.3% (*input.98*) em verbos e 69% (*input .69*) em não verbos. Para a primeira categoria, não houve seleção de variáveis. Porém, a aplicação da regra de cancelamento, em não verbos, parece ser sensível ao contexto subsequente de consoante (P.R. .90), bem como a vocábulos polissílabos (P.R. .63). Além disso, os homens (P.R. .83) propiciam a perda segmental. Em verbos, prevalece a realização fricativa e, em não verbos, o tepe alveolar.

Em Itajaí (SC), na categoria dos verbos, o percentual foi de 99.3% (*input .99*) em favor do cancelamento e nenhuma variável foi apontada como relevante. Em não verbos (52%; *input .52*), todavia, o contexto subsequente de consoante (P.R..75), a fronteira de sintagma entoacional (P.R. .63), as vogais antecedentes [a] (P.R. .64) e [ɔ] (P.R. .60) e os falantes mais jovens (P.R. .64) foram os fatores propulsores da aplicação da regra. A realização fricativa se mostrou expressiva no falar de Itajaí, nas duas categorias.

Nos estudos de Santana (2017), Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021), percebemos uma consistência na seleção da variável “contexto precedente”, com a qualidade da vogal do núcleo da sílaba sendo regularmente apontada como relevante para a aplicação da regra variável do cancelamento. As vogais de traço [+ ant] geralmente favorecem a queda segmental, nos falares que apresentam as variantes tepe, vibrante múltipla ou retroflexa (produções anteriores); nos falares que apresentam as variantes fricativas velar e glotal (produções posteriores), a propensão de cancelamento é favorecida por vogais de traço [+ post], além do [a], que se mostra um forte condicionante da queda, em quase todos os falares considerados. Apesar de ficar mais ou menos clara a participação de um processo de assimilação de traços, os autores chamam a atenção para o fato de que, dada a natureza do inquérito do Projeto ALiB, é comum que alguns vocábulos sejam mais frequentes do que outros, sobretudo nos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical. No decorrer das entrevistas, por exemplo, é normal que o informante repita diversas vezes palavras como “açúcar”, “mulher”, “melhor”, etc., em função das temáticas suscitadas pelo entrevistador. Por isso, não se pode ignorar a frequência com que esses vocábulos aparecem nas entrevistas para que se possa determinar se o que está em jogo é, de fato, a qualidade da vogal do núcleo da sílaba ou a frequência do próprio vocábulo nas amostras.

Observando o quadro mais geral do apagamento do rótico em coda externa na região Sul, fica evidente que, em não verbos, o zero fonético ainda não está amplamente disseminado, em oposição ao que se observa em verbos, nos quais a regra já se encontra

bastante difundida. Quanto às formas de produção do *R*, na capital paranaense, observamos o predomínio do tepe alveolar. No interior do estado, por outro lado, vemos que essa variante divide espaço com o aproximante retroflexo. Enquanto isso, Santa Catarina apresenta um comportamento mais diversificado quanto às variantes do rótico tendo em vista que, a depender da localidade, identificam-se o tepe alveolar, realizações fricativas e o aproximante retroflexo. No falar do Rio Grande do Sul, a variante de prestígio parece ser o tepe alveolar, muito embora, no interior, também se encontre o aproximante retroflexo, ainda que em menor grau. É indiscutível, então, que quando se trata das variantes de produção do rótico, a Região Sul ainda tem um comportamento linguístico conservador, já que o zero fonético e as produções fricativas seriam as variantes mais inovadoras.

3. APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO E CORPUS

Conforme mencionado na seção introdutória, tomamos como base para a presente pesquisa oito amostras de fala semiespontânea pertencentes ao *corpus* do Projeto ALiB de falantes oriundos do Chuí (RS) e de Santana do Livramento (RS) – de duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos), todos com ensino fundamental (completo ou incompleto) e monolíngues do português –, para a análise do processo de apagamento do rótico em coda silábica final em verbos e não verbos. Para identificarmos os fatores linguísticos e sociais que condicionam o fenômeno em foco, lançamos mão da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (1994, 2001, 2003, 2008 [1972]) e realizamos o tratamento estatístico dos dados com o pacote de programas GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

O município do Chuí está localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, ficando acerca de 525 km de Porto Alegre e fazendo fronteira com o Chuy uruguaio. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui um pouco mais de 6.800 habitantes, dentre os quais, além de brasileiros, há uruguaios e árabes palestinos. O índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) da comunidade é de 0,706 e 97.7% dos indivíduos entre 06 e 14 anos são escolarizados. Santana do Livramento faz fronteira com a cidade uruguaia de Rivera e se encontra a 498 km da capital do estado. Sua população é muito superior à do Chuí, com mais de 75.000 habitantes. O IDHM da comunidade é de 0,727 e 97.6% dos indivíduos de 06 a 14 anos são escolarizados.

Consideramos nove variáveis independentes como possivelmente relevantes para a perda segmental, sendo três delas de caráter social: sexo (masculino e feminino), faixa etária (18-30 anos e 50-65 anos) e origem geográfica do informante (Chuí e Santana do Livramento).

Em pesquisas sociolinguísticas, leva-se em consideração o sexo do informante uma vez que homens e mulheres tendem a assumir papéis sociais diferentes, o que faz com que, no âmbito linguístico, se expressem distintamente. Labov (2008 [1972]) afirma que, em geral, as mulheres seriam mais adeptas à mudança linguística, quando a forma linguística inovadora é de prestígio, enquanto os homens teriam um comportamento mais conservador. Entretanto, Callou (1987) e Paiva (2004), comentando as pesquisas de outros linguistas, argumentam que a fala das mulheres ora pode ser conservadora ora inovadora, a depender do *status social* das variantes em competição e do meio em que vive a mulher, se urbano ou rural. Apesar de não ser tão simples determinar se os falantes são conscientes do *status social* das variantes em jogo atualmente (realização x cancelamento do rótico), muito em função de esse ser um fenômeno variável já antigo no português do Brasil (Xavier, 2020), pudemos verificar nos estudos resenhados na seção anterior que os homens normalmente costumam propiciar mais o cancelamento, quando a variável sexo era selecionada. Em razão disso, buscamos verificar a atuação dessa variável nas amostras de fala em análise.

Quanto à faixa etária, o que muitos estudos sobre o cancelamento do rótico em coda externa revelam é que, embora os percentuais de cancelamento sejam altos pelas faixas etárias, principalmente entre os verbos, a escala dos pesos relativos mostra que a implementação da mudança linguística se dá na fala dos mais jovens. Desde a década de 1970, o cancelamento tem sido favorecido na fala dos mais jovens e, nas amostras posteriores, temos observado o aumento gradativo da variante zero fonético nas gerações que vão se sucedendo e o cancelamento acaba por se espalhar paulatinamente pela comunidade como um todo. Tendo isso em mente, partimos da hipótese de que os informantes de 18-30 anos são mais adeptos ao cancelamento, o que talvez fique ainda mais evidente entre os não verbos, para os quais o processo ainda se encontra no seu início, na região Sul.

A inclusão da variável origem geográfica também é de extrema importância, tendo em vista que as análises resenhadas e as cartas do ALiB expostas anteriormente mostram uma grande variabilidade no comportamento do rótico em coda silábica final a depender da localidade. Desejamos, portanto, averiguar se Chuí e Santana do Livramento apresentam índices distintos de zero fonético e se as variantes produzidas, quando da manutenção do segmento, são semelhantes ou não às da capital Porto Alegre.

As outras cinco variáveis, de cunho linguístico, são as seguintes: classe morfológica do vocabulário (verbo ou não verbo); forma verbal (no caso de verbos); dimensão do vocabulário (monossílabo ou polissílabo); contexto fonético antecedente (qualidade da vogal do núcleo); contexto subsequente (pausa ou consoante); tipo de consoante subsequente (excluído o contexto subsequente de vogal alvo da ressilabificação) e fronteira prosódica

(palavra prosódica (Pw), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP).

Como se pode observar nas Cartas F04 C1 e C2 do ALiB, os altos índices de apagamento em verbos são flagrantes ao passo que, em não verbos, ainda são tímidos, principalmente no Centro-Sul do Brasil. Isso reforça a necessidade de discriminar as duas categorias no momento da codificação sociolinguística, para que os resultados não sejam enviesados. No que diz respeito à forma verbal, procuramos verificar se há distinção entre os percentuais de aplicação da regra caso o verbo esteja no infinitivo, no presente do indicativo (você/ele queR...) ou no futuro do subjuntivo. A dimensão do vocábulo também tem influência na aplicação ou não do apagamento. Segundo a hipótese da saliência fônica⁶, em vocábulos monossílabos, o rótico tem maior saliência e, portanto, tende a ser mantido. Enquanto isso, em palavras polissílabas, sua menor saliência fônica licencia seu cancelamento. Quanto ao contexto fonético antecedente, pelo que temos observado de estudos anteriores, acreditamos que segmentos de traço [-arred] favorecem o apagamento. Relativamente ao contexto subsequente, nossa hipótese é de que, quando seguido de consoante, o rótico terá maior probabilidade de ser cancelado, relativamente ao contexto de pausa. Vamos verificar, também, se o ponto e o modo de articulação da consoante seguinte terão alguma influência na aplicação da regra variável. Por último, acredita-se que, quando em fronteiras mais baixas de Pw e PhP, o rótico será mais frequentemente apagado, enquanto na fronteira mais alta de IP, o segmento será realizado, por conta das características entoacionais do final de frase que, em hipótese, demandariam a maior presença de material segmental, para ancoragem do acento melódico nuclear da frase (acento tonal e tom de fronteira) (Serra; Callou, 2013, 2015; Callou; Serra; Farias, 2022; Farias, 2022).

Cabe ainda justificar a escolha da Sociolinguística Quantitativa Laboviana como aporte teórico-metodológico desta análise. Em sua obra *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (2008, [1972]) relata que a insatisfação em relação aos modelos teóricos existentes na década de 60, que não incluíam a variação em suas análises, fez com que pesquisadores buscassem outros caminhos e, ainda segundo Labov (2008, [1972], p. 13),

Uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. A grande maioria dos linguistas tinha se voltado resolutamente para contemplação de seus próprios idioletos. [...] Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social [...].

⁶ A hipótese da saliência fônica foi primeiramente postulada por Naro e Lemle (1976), para o tratamento da concordância verbal variável no português brasileiro (*eles dizem ~ eles dizØ, eles falavam ~ eles falavaØ, eles vão ~ eles vai*) e, posteriormente, foi incluída em muitos outros estudos de fenômenos fonético-fonológicos.

Sabemos que a variação e a mudança são intrínsecas a todas as línguas humanas e que estas se encontram, constantemente, sujeitas à pressão de forças que agem no sentido da variabilidade, de um lado, e da unidade, de outro (MOLLICA, 2017). Se, por um lado, existe uma força centrífuga que impulsiona a língua à variação e, quiçá, à mudança, por outro há, também, uma força centrípeta que mantém a unidade linguística: “[...] as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas: de um lado o impulso à variação e, possivelmente, à mudança; de outro o impulso à convergência, base para a noção de comunidade linguística caracterizada por padrões estruturais e estilísticos” (MOLLICA, 2017, p. 12). A Sociolinguística Quantitativa Laboviana visa, então, à sistematização e ao apontamento da probabilidade da ocorrência de variantes que coexistem em um meio social.

Na próxima seção, apresentamos os índices de zero fonético no Chuí e Santana do Livramento, além das variantes mapeadas quando o rótico é mantido. Discutiremos, também, as variáveis apontadas como favorecedoras da regra de apagamento.

4. VARIANTES DO RÓTICO E CANCELAMENTO EM CODA EXTERNA

4.1 DISTRIBUIÇÃO DO CANCELAMENTO DO RÓTICO PELAS COMUNIDADES

Ao todo, foram recolhidos 1.165 dados de rótico em coda silábica final nas comunidades estudadas, sendo 753 no Chuí e 412 em Santana do Livramento. O Gráfico 1, a seguir, expõe os índices de aplicação da regra de apagamento do *R* nos dois municípios, discriminando verbos e não verbos.

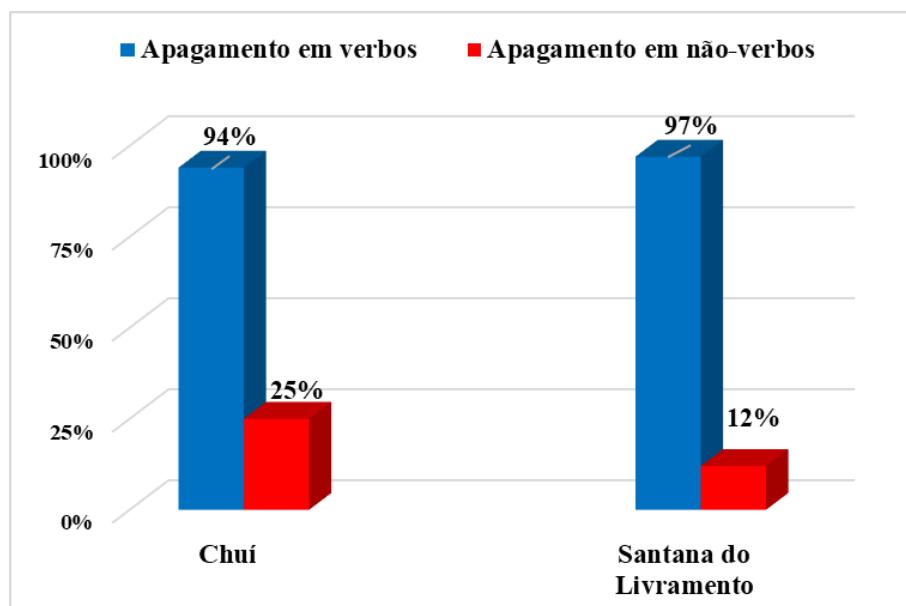


Gráfico 1: Percentuais de apagamento do rótico em coda silábica final de acordo com a classe morfológica nas duas comunidades estudadas.

Identificamos índices elevados de cancelamento em verbos nas duas comunidades, com altos *inputs* de aplicação da regra: .94 no Chuí e .97 em Santana do Livramento. No entanto, no que diz respeito aos não verbos, os percentuais ainda são relativamente baixos, apenas de 25% na primeira comunidade (*input* .25) e de 12% (*input* .12) na segunda. Com base na leitura dos dados, pode-se concluir que esse cenário ilustra uma mudança sonora em curso tendo em vista que o fenômeno, na categoria dos verbos, é semicategórico ao passo que, em não verbos, os índices, apesar de ainda baixos, parecem estar em elevação e caracterizam uma regra variável (Labov, 1994, 2003).

Traçando um paralelo entre os resultados desta análise e os de Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021), que também analisam comunidades interiores da Região Sul, vemos que os estudos estão em consonância quanto aos altos índices de apagamento em verbos e aos relativamente baixos percentuais em não verbos. Monarettto (2002) e Santana (2017), que estudam as três capitais da região Sul com base, respectivamente, no *corpus* do VarSul e do ALiB, também atestam que o zero fonético está bem mais difundido na primeira categoria do que na segunda.

A partir disso, é possível afirmar que, no tocante aos não verbos, a variedade sulista do português ainda resiste à implementação da regra de cancelamento, embora o fenômeno revele sua robustez. Analisando os resultados de diversas pesquisas sobre a queda do rótico no Sul do país, observamos que os índices de apagamento têm se ampliado desde a década de 1970.

Focalizando especificamente os resultados para Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, onde estão localizados os municípios analisados por nós, flagramos o avanço do cancelamento. Os estudos de Callou & Moraes (1995) e Callou, Leite & Moraes (1996), com base em entrevistas de indivíduos porto-alegrenses que compõem o *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) – gravado na década de 70 e que conta somente com falantes com nível superior –, mostram um índice de 49% de apagamento em verbos e somente 14% em não verbos. Monarettto (2002), encontra, em dados do Projeto VarSul gravados entre 1988 e 1996 (falantes mais e menos escolarizados), 81% de cancelamento em coda externa de verbos, 20% em palavras funcionais e apenas 5% em não verbos. As variantes do rótico mais produtivas na capital gaúcha eram o tepe e a vibrante alveolar. Por outro lado, Santana (2017), ao estudar o mesmo fenômeno em Porto Alegre, a partir de entrevistas realizadas na primeira década dos anos 2000 (Projeto ALiB), encontra um índice 83% de apagamento em verbos no falar de informantes mais escolarizados e 87%, na mesma categoria, na variedade de falantes menos escolarizados.

Quanto aos não verbos, a autora ainda encontra baixos índices de cancelamento: 3% na fala de mais escolarizados e 11% na fala de menos escolarizados. Embora em todas as pesquisas os percentuais de apagamento sejam relativamente baixos em não verbos, na categoria dos verbos, houve um aumento significativo nos índices de aplicação da regra na variedade dos falantes mais escolarizados: 49% na década de 1970 e 83% na primeira década dos anos 2000.

Na próxima seção, apresentaremos as variantes mais produtivas quando da manutenção do rótico nos falares do Chuí e Santana do Livramento. Ademais, discutiremos as variáveis apontadas como favorecedoras do apagamento conforme indicado pelas rodadas estatísticas inferenciais. Começaremos a discussão pelas variáveis selecionadas para verbos e não verbos no município do Chuí e, em seguida, passaremos às selecionadas para o falar de Santana do Livramento.

4.2 AS VARIANTES DO RÓTICO E OS CONDICIONAMENTOS DA MUDANÇA EM DIREÇÃO AO CANCELAMENTO

Nas gravações do Chuí, recolhemos 521 dados de verbos, dos quais 490 foram de cancelamento (94%) e somente 31 dados foram de manutenção do *R* (6%). Na categoria dos não verbos, coletamos 232 dados: 59 dessas ocorrências sofreram perda segmental (25%) e 173 foram de realização do rótico (75%). A Tabela 1 a seguir exibe as variantes mapeadas no município:

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	24/31	77%
Aproximante retroflexa	7/31	23%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	147/173	85%
Aproximante retroflexa	18/173	10.4%
Fricativa glotal	4/173	2.3%
Vibrante múltipla alveolar	4/173	2.3%

Tabela 1: Distribuição das variantes do rótico em coda silábica externa em verbos e não verbos, respectivamente, no município do Chuí (RS), sem levar em consideração o zero fonético.

Vemos que, semelhantemente ao observado nos municípios gaúchos estudados por Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018), o tepe alveolar e o r-retroflexo predominam. Mais especificamente, em verbos, as produções do rótico se limitam a essas duas variantes. Quanto aos não verbos, além do tepe alveolar e da aproximante retroflexa, encontramos quatro ocorrências de fricativa glotal e quatro de vibrante múltipla alveolar.

No que concerne às variáveis apontadas como favorecedoras do cancelamento em verbos, o programa estatístico apontou como relevantes o *contexto fonético antecedente* e o *contexto fonético subsequente*. Na categoria dos não verbos, apenas o *contexto fonético subsequente* se mostrou significativo.

Como se pode observar na Tabela 2, a seguir, os verbos cujo núcleo da sílaba portadora do rótico é [a] ou [e] se mostram mais favoráveis à perda segmental, com P.R. de .64 e .52, respectivamente. Enquanto isso, quando o R é antecedido pela vogal [o] (P.R. .003), o processo de cancelamento é inibido, isto é, o rótico tende a ser mantido. Os três verbos de primeira conjugação mais frequentes na amostra de fala foram “falar” (33 vezes), “tomar” (16 vezes) e “trabalhar” (14 vezes). No caso dos de segunda conjugação, “ser” (50 vezes), “fazer” (25 vezes) e “dizer” (17 vezes) foram os mais frequentes. Muito embora pareça se confirmar a hipótese de que vogais menos arredondadas condicionam o apagamento do segmento em estudo, como defendido por Callou (1987) e Brandão, Mota & Cunha (2003), entre outros, é importante ter em mente que, no português, formas verbais em que o rótico é antecedido por [a] e [e] são bastante comuns e os vocábulos se repetem nas amostras. Por isso, acreditamos que os altos pesos relativos atribuídos para [a] e [e] e o baixo peso relativo para [o] estejam relacionados com a frequência com que verbos com núcleos preenchidos por essas vogais aparecem na amostra. A Tabela 2, abaixo, mostra que a distribuição não é equilibrada, havendo 268 dados em [a] (Exemplo 1), 162 em [e] (Exemplo 2) e somente 30 em [o] (Exemplo 3).

Vogal do núcleo	Oco. /total	%	P.R.
[a]	265/268	99%	0.64
[e]	159/162	98%	0.52
[o]	5/30	17%	0.003

Tabela 2: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético antecedente.

- 1) “Ela ia trabalha[Ø] de empregada doméstica” (CHU – Inf. 3)
- 2) “Doutor, quando vou te[Ø] minha alta?” (CHU – Inf. 4)
- 3) “Servente de pedreiro... cortava lenha... que fo[r]” (CHU – Inf. 1)

Para a segunda variável selecionada, o *contexto subsequente*, observa-se que, quando seguido de consoante, o rótico nos verbos tende a ser cancelado (P.R. .60), como se vê no Exemplo 4. Por outro lado, conforme exemplificado em 5, o contexto de pausa inibe a aplicação da regra de apagamento (P.R. .31) (Tabela 3). A mesma variável foi apontada como influenciadora em não verbos, sendo a única selecionada pelo programa estatístico. Nessa categoria, observando a Tabela 4, vemos que o cenário é similar ao observado em verbos, pois o contexto subsequente de consoante também propulsiona o fenômeno (P.R. .60), como exemplificado em 6, e o contexto de pausa o desfavorece (P.R. 43), conforme se vê em no Exemplo 7.

Contexto subsequente	Oco. /total	%	P.R.
Consoante	319/334	95.5%	0.60
Pausa	171/187	91.4%	0.31

Tabela 3: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético subsequente.

Contexto subsequente	Oco. /total	%	P.R.
Consoante	30/59	38%	0.60
Pausa	29/114	20%	0.43

Tabela 4: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em não verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético subsequente.

- 4) “É tão boa de come[Ø] bem doce” (CHU – Inf. 3)
- 5) “Pode ser o que fo[r]” (CHU – Inf. 3)
- 6) “Douto[Ø] quando o senhor vai liberar meu filho?” (CHU – Inf. 2)
- 7) “Não tem luga[r]” (CHU – Inf. 1)

Vale destacar a relação existente entre o contexto fonético subsequente e a fronteira do constituinte prosódico, observada neste estudo e em pesquisas recentes que também se debruçam sobre o cancelamento do rótico (Callou; Serra, 2012; Serra; Callou, 2013, 2015; Santana, 2017; Oliveira, 2018; Oliveira *et al.*, 2018; Serra *et al.*, 2021; Callou; Serra; Farias, 2022; Farias, 2022). Embora a fronteira de constituinte prosódico não tenha sido selecionada como relevante para o apagamento, o fato de o contexto subsequente de consoante ter sido apontado como favorecedor à perda segmental, enquanto a pausa a inibe, não se deve ao acaso. Este último contexto é uma pista prosódica relacionada à fronteira de sintagma entoacional, *locus* da ocorrência do acento tonal nuclear da frase (Serra; Callou, 2015), o que inibe perdas segmentais.

Dando um *zoom* na distribuição do apagamento na categoria dos verbos de acordo com a fronteira do constituinte prosódico, verifica-se que os percentuais de cancelamento são altos nos três contextos prosódicos. Mesmo assim, o contexto de sintagma entoacional (Exemplo 8) é o que apresenta menor índice de zero fonético (90%) ao passo que os de sintagma fonológico (Exemplo 9) e de palavra prosódica (Exemplo 10) têm índices mais elevados (95% e 99%, respectivamente). Embora os percentuais de apagamento nos três contextos prosódicos sejam iguais ou superiores a 90%, vemos que, quanto mais alta a fronteira prosódica, menor o percentual de cancelamento. A mesma situação é observada nos não verbos. O percentual de apagamento em contexto de sintagma entoacional é de 21% em contraste com 33% e 36%, em fronteira de sintagma fonológico e de palavra prosódica, nessa ordem. Portanto, o R tende a ser mantido na fronteira mais alta de sintagma entoacional (ou seja, no final da frase), estando acompanhada de pausa, ao passo que, em fronteiras mais baixas, como de palavra prosódica e sintagma fonológico, o rótico tem mais chances de ser cancelado.

- 8) (Servente de pedreiro)IP (cortava lenha)IP (o que fo[r])IP – (CHU – Inf. 1)
- 9) ((Nós)PhP (passava garfo)PhP (antes)PhP (pra fica[Ø])PhP (com aquela forminha) PhP) IP – (CHU – Inf. 4)
- 10) (Porque eu não consegui (me da[Ø]) Pw conta) IP – (CHU – Inf. 3)

Para o município de Santana do Livramento, coletamos 326 dados de verbos, dos quais 315 sofreram perda segmental (97%) e 11 tiveram o rótico mantido (3%). Na categoria dos não verbos, recolhemos 86 dados, sendo somente 10 de apagamento (12%) e 76 de realização do R (88%). A Tabela 5 abaixo mostra as variantes encontradas nessa comunidade:

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	11/11	100%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	74/76	97.4%
Aproximante retroflexa	1/76	1.3%
Vibrante múltipla alveolar	1/76	1.3%

Tabela 5: Distribuição das variantes do rótico em coda silábica externa em verbos e não verbos, respectivamente, no município de Santana do Livramento (RS), sem levar em consideração o zero fonético.

Vemos que o tepe alveolar é muito produtivo no falar de Santana do Livramento tanto em verbos quanto em não verbos. Além disso, diferentemente do que acontece no Chuí e nas comunidades gaúchas estudadas por Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018), houve apenas uma ocorrência do r-retroflexo assim como somente um dado de vibrante múltipla alveolar na categoria dos não verbos.

Nos verbos, a rodada estatística indicou como favorecedoras do cancelamento duas variáveis, uma de cunho de linguístico e outra de cunho social. A primeira variável selecionada foi o *contexto fonético antecedente* e a segunda, a *faixa etária do informante*. Para categoria dos não verbos, nenhuma variável se mostrou relevante.

No que diz respeito ao *contexto fonético antecedente* (Tabela 6), os verbos cujo núcleo da sílaba portadora do rótico é [e] (Exemplo 11) propiciam a aplicação da regra de apagamento, com P.R. de .70. Em contrapartida, as vogais [a] (Exemplo 12), [ɛ] (Exemplo 13) e [o] (Exemplo 14) inibem o cancelamento com P.R. de .44, .31 e .005, respectivamente.

Vogal do núcleo	Oco. /total	%	P.R.
[e]	91/92	99%	0.70
[a]	173/178	97%	0.44
[ɛ]	18/19	95%	0.31
[o]	1/5	20%	0.005

Tabela 6: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município de Santana do Livramento (RS), de acordo com o contexto fonético antecedente.

- 11) “Pode se[Ø] mariposa” (SL – Inf. 1)
- 12) “...mas, depois, se ele opta[f] por ficar...” (SL – Inf. 3)
- 13) “Que[f] me acompanhar num café?” (SL – Inf. 3)
- 14) “Só se fo[f] muito conhecido...” (SL – Inf. 3)

Referentemente à *faixa etária do informante* (Tabela 7), observamos que os jovens lideram a propagação do zero fonético, com P.R. elevado de .77 (Exemplo 15). Os informantes mais velhos, entretanto, têm um comportamento linguístico mais conservador (P.R. .23) (Exemplo 16). Isso vai ao encontro da nossa hipótese, segundo a qual os jovens lideram a mudança linguística em direção ao cancelamento do rótico em final de palavra.

Faixa etária	Oco. /total	%	P.R.
18-30 anos	155/156	99%	0.77
50-65 anos	160/170	94%	0.23

Tabela 7: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município de Santana do Livramento (RS), de acordo com a faixa etária do informante.

- 15) “Não pode sai[Ø] pra fora ainda” (SL – Inf. 2)
- 16) “Cansou de tanto pula[f]” (SL – Inf. 4)

Em suma, observamos que os municípios do Chuí e de Santana do Livramento, ambos em áreas fronteiriças do Rio Grande do Sul, seguem, no que diz respeito à regra de apagamento do rótico em coda externa, a tendência geral observada para os demais falares da Região Sul já estudados. Isto é, índices elevados de cancelamento na classe dos verbos e percentuais ainda baixos em não verbos. Adicionalmente, a mudança parece estar condicionada tanto por fatores linguísticos – a vogal do núcleo e o contexto subsequente –, quanto por fatores sociais.

5. PALAVRAS FINAIS

Na mesma esteira das pesquisas citadas neste texto, que analisam a perda segmental no interior da região Sul do Brasil, com base nas amostras de fala do Projeto ALiB, este estudo cumpriu com seu objetivo de acrescentar mais uma peça ao quebra-cabeças dos

falares brasileiros interioranos, com a análise do rótico em coda externa nas variedades do Chuí e de Santana do Livramento.

Comparando os nossos resultados com os encontrados nos municípios gaúchos estudados por Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018), verificamos que os índices de apagamento não diferem consideravelmente. Contudo, como já dito anteriormente, o que se pode afirmar, sem sombra de dúvida, é que, no que diz respeito aos não verbos, a Região Sul ainda é conservadora, uma vez que os índices de cancelamento do rótico nessa categoria ainda são baixos. Além disso, quando da manutenção do segmento, são bastante produtivas variantes de traço [+ ant] ao invés de variantes [+ post], que são as formas inovadoras (Callou, 1987; Xavier, 2020). No caso dos verbos, por outro lado, o apagamento representa uma mudança em curso, praticamente completa.

O tepe alveolar e o r-retroflexo se mostraram as variantes mais produtivas no Chuí e em Santana do Livramento, havendo poucas ocorrências de outras realizações do R. Um outro fator que vem se somar à influência linguística da colonização italiana e ao resquício da rota de bandeirantes paulistas, para a manutenção de realizações mais conservadoras do rótico na região Sul, é a participação, em falares sulistas localizados em fronteiras, do contato do português com variedades do espanhol, como nos municípios focalizados neste estudo. É interessante notar que, embora o chamado r-caipira não receba tanto prestígio quanto as outras variantes do rótico, ele também se faz presente, mesmo em municípios onde o tepe alveolar é claramente a variante mais usada, como é o caso do Chuí e de Santana do Livramento. Por fim, é digno de nota, também, que, diferentemente do observado por Callou (1987) para o dialeto carioca, nas comunidades aqui estudadas, a mudança de ponto (de alveolar para velar e glotal) e modo de articulação do rótico (de vibrante para fricativa) parece não constituir uma etapa necessária, a depender do tipo de rótico e do dialeto, para implementação do zero fonético. Nessa área dialetal, o cancelamento do rótico em coda externa parece constituir, então, uma mudança sonora abrupta.

Referências

ABAURRE, M. B.; SÂNDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: *da HORA*, D.; COLLISCHONN, G. (Orgs.), *Teoria linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFPB. 2003, p. 144-180.

AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, K. A. J.; LINDSCHOUW, J. J. (Eds.). *Les variations diasystématiques et leurs interdépendances dans les langues romanes: actes du Colloque DIA II à Copenhague*. Strasbourg: Société de linguistique romane/ÉliPhi. 2015, p. 19-21.

BRANDÃO, S. F., MOTA, M. A.; CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocabulário. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio. 2003, p. 163-180.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, L. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, B.; RODRIGUES, A (Orgs.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*, vol. 8. Campinas: Editora da Unicamp. 2002, p. 537-555.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I.; MORAES, J.; LEITE, Y. (Orgs.). *Gramática do português falado*, vol. 6. Campinas: Editora da Unicamp. 1996, p. 465-494.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real. *Revista Delta*. São Paulo, v. 14, 1998.

CALLOU, D.; MORAES, J. A. Condicionamentos socio e geolinguísticos na realização do R no português do Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, v. 17, p. 69-78, 1995.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*. vol. 14, no Especial, 2012, p. 41-58.

CALLOU, D.; SERRA, C.; FARIA, A. On R-deletion in final coda position: regional diversity in Brazilian Portuguese and syllable phonology. In: *Pluricentric Languages in the Americas*. PCL-Press: Graz/Berlin. 2022, p. 173-188.

CARDOSO, S. A. M. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. S. A. M. CARDOSO; J. A. MORA; M. M. T. PAIM; S.S. C. RIBEIRO (Orgs.) Salvador: Vento Leste, 2003.

CARDOSO, S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

FARIAS, A. J. *O rótico em coda silábica externa e a fonologia da sílaba: enveredando por novos caminhos*. 2022. 140 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

GOMES, C. A. Passado e presente da alternância entre a lateral e o tepe no onset complexo no português: Considerações sobre representação, mudança linguística e avaliação social. *LaborHistórico*. Rio de Janeiro, vol. 7, p. 16-42, 2021.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. O falar paranaense: um estudo sobre os róticos em coda silábica. In: LUCHINI, P. L.; GARCÍA, J. A.; ALVES, U. K. (Orgs.). *Fonética y Fonología: articulación entre enseñanza e investigación*. Mar De Plata: Editora da Universidad Nacional de Mar del Plata, 2015, v. 1, p. 88-97.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. Róticos em coda silábica interna nas regiões sul e centro-oeste do Brasil/ Rothics in syllabical coda in the southern and central western regions of Brazil. In: BARDEL, C.; DE MEO, A. (Orgs.). *Parler les langues romanes Parlare le lingue romanze Hablar las lenguas romances Falando línguas românicas*. 1ed. Napoli: Camilla Bardel and Anna De Meo, 2016, v. 1, p. 225-24

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. A implementação do /r/ em coda silábica no interior de Santa Catarina conforme os dados do ALiB. In: BENÇAL, D. R.; COSTA, D. S. S. (Orgs.). *Estudos Linguísticos em foco - perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1ed. Londrina: Eduel, 2019, v. 1, p. 75-91.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. As variantes róticas em coda silábica no interior de Santa Catarina. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: Textos selecionados*. Porto Alegre: BC – PUCRS, 2020, p. 1-339.

KOCH, W.; M. S. KLASSMANN; C.V. ALTHENHOFEN. *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil. Cartas fonéticas e morfossintáticas*, vol. 2. Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba: EDUFRGS, EDUFSC, EDUFPR, 2002.

LABOV, W. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change. Social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Principles of linguistic change. Internal factors. In: C. B. PAULSTON; G. R. TUCKER. *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, p. 234-350.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherree Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, M.; GOMES, C. Sobre variação, mudança e representação da coda (r) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Diádorim*. Rio de Janeiro, vol. 20(2), 169-190, 2018.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 9-14.

MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. 1992. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, V. N. O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionistas e fonológica*. 1997. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C (Orgs.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC, 2002, p. 253-268.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, S. B. et alii (Eds.) *Papers from the parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976, p 221-241.

OLIVEIRA, I. C. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região sul no projeto ALiB*. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, I. C., SANTANA, M., XAVIER, K. & SERRA, C. R. O rótico em coda silábica final na região Sul do Brasil: variação e mudança no Corpus do ALiB. *Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, 2018, p. 334-364.

PAIVA, M. C. A. A variável gênero. In: Maria Luiza Braga; Maria Cecília Mollica. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. GoldvarbX: a variable rule application for Macintosh and Windows. 2005.

SANTANA, M. *O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: variação e prosódia no corpus do ALiB*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. Convergência de processos no apagamento de /r/ em português e espanhol. *Linguística. Uruguay*, vol. 35, 2019, p. 129-147.

SERRA, C.; CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Selecionados*, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Coimbra, APL, 2013, p. 585-594.

SERRA, C.; CALLOU D. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: DOMINICIS, A. D. (Org.). *pS-prominenceS: Prominences in Linguistics*. Proceedings of the International Conference. Viterbo: Disucom Press, 2015, p. 96-113.

SERRA, C.; CALLOU, D.; KOROL, C.; MARTINS, L. Variação e mudança do rótico em coda final: a região Sul resiste (como pode?). In: MARINS, J. E.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. d. *Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 20-55.

XAVIER, K. d. S. *As múltiplas pronúncias do rótico na música popular brasileira do século XX: da vibrante à fricativa e ao zero fonético*. 2020. 249 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

